



Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís de Almeida
PAPUSSE



UMA INTRIGA NA CÔRTE

NOVELA INFANTIL

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de E. MALTA



SCUSAM os meus queridos leitores do Pim-Pam-Pum de se incomodar a folhear quantos compêndios de história ou de geografia lhes forem parâs mãos, que não conseguirão jamais encontrar a história do poderoso reino da Elgária, nem tão pouco, em que parte do mundo ele se esconde.

Será isto devido a um deplorável esquecimento de todos os senhores historiadores e geógrafos? Ignoro. O que é certo, porém,

é que esse reino existe, pelo menos na minha fantasia, e foi em tempos governado pelo bondoso «Barbas-de-Neve», cujo nome é ainda hoje proferido com respeito por todos os elgarianos.

Tinha o rei «Barbas-de-Neve» uma filha, a princesa Florinda, a quem a Natureza dotara de extraordinária formosura. Morena como uma filha das Arábias, o negro dos seus olhos, grandes e belos só podia ser igualado pelo negro dos seus cabelos, compridos e sedosos. Quando sorria, o que sucedia frequentemente, ao entre-abrir os lábios, colorados como uma romã, patenteava, aos olhos admirados dos

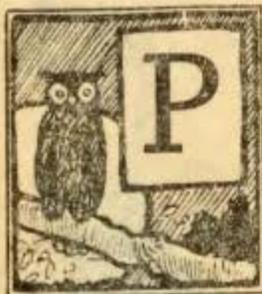
(Continua na página 4)



O CORREIO DO PURGATÓRIO

POR AUGUSTO GOMES DE SA

Desenhos de E. MALTA



PARÁ, então não vamos passar as férias do Natal com a avósinha?—Vamos sim, meu filho. Partiremos logo no comboio da tarde.

Para uma carruagem de de segunda classe entram três pessoas. Identifiquemo-las: Arturinho, um menino de 7 anos; João, o pai de Arturinho e sua

esposa, D. Berta. Apeiam-se numa estação onde os espera um automóvel e um criado, que põe as bagagens no carro e os convida a entrar.

Noite de Natal: enquanto os velhos recordam

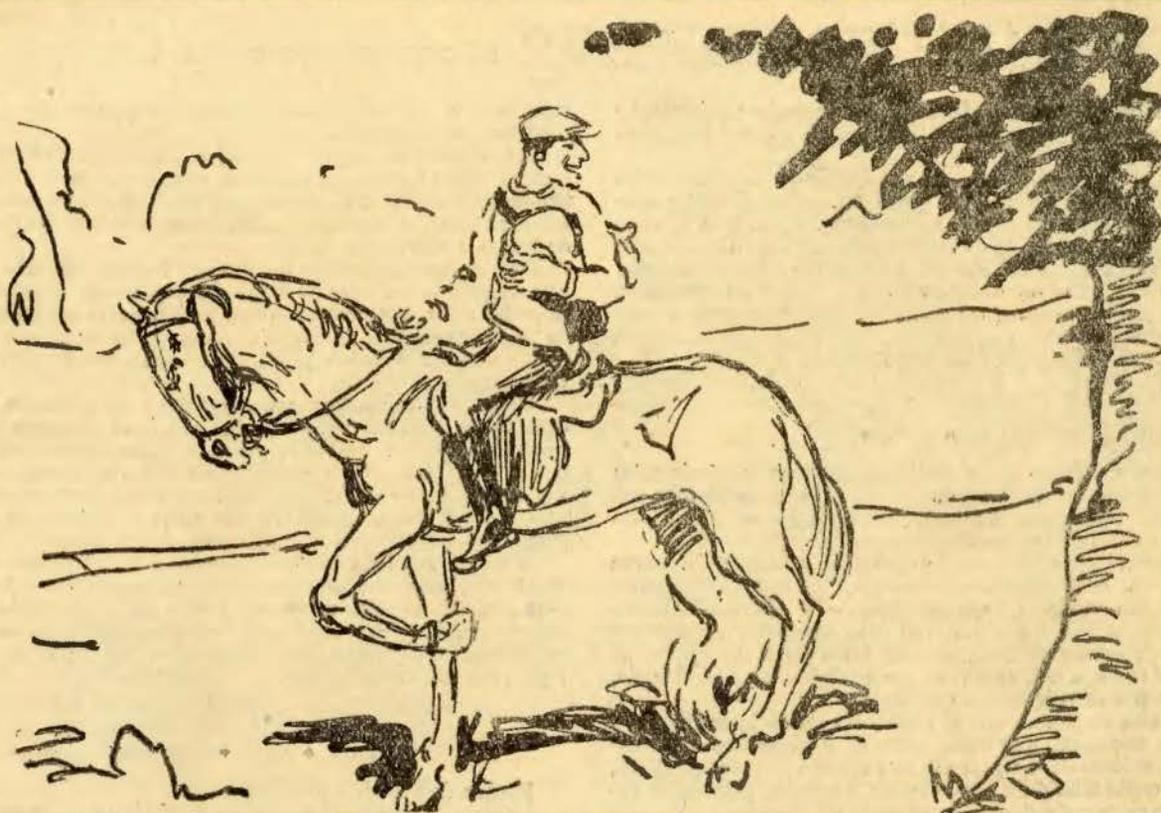
com saudade pessoas de família que se encontram muito longe dali, as crianças brincam à volta de uma árvore de Natal enfeitada pela avó de Arturinho, enquanto a ceia não vem para a mesa.

No fim da ceia, acende-se a lareira e todos se chegam para o fogo para se aquecerem e para ouvirem as histórias e adivinhas de que um ou outro se lembrem. O Arturinho vai contar uma história de que ele gostou muito:

Era uma vez um homem que, entrando muito apressado numa estalagem, pede de comer à dona da casa, dizendo que tem muita pressa, visto ser o correio do Purgatório. A mulher, muito admirada, enquanto lhe preparava uma ligeira refeição, na sua ingenuidade aldeã, perguntou-lhe se um filho que lhe morrera, de nome António, estava lá no Purgatório, ao que o homem respondeu:

—O seu filho conheço-o eu muito bem; anda lá numa triste figura, porque todos andam vesti-





dos e só ele é que anda nú. Bem (diz ele para disfarçar) ande depressa com isso que ainda tenho de entregar muita correspondência. O homem, depois de comer, perguntou quanto devia, ao que a mulher respondeu: Pela comida não paga nada, mas se o senhor me fizesse o favôr de levar esta roupa ao meu António, êle ficaria todo contente (disse ela entregando um grande embrulho ao homem). Mas diga lá quanto é que devo, perguntou outra vez o homem, pegando no embrulho da roupa. Não é nada, meu senhor, e, quando passar por aqui, traga-me notícias do meu António, que me faz um grande favor. O homem saiu e daí a bocado entra o marido da estalajadeira, a quem ela contou o sucedido.—«Estamos roubados, mulher! Esse homem não passava de um burlão; diz-me que direcção seguiu o malandro que o quero agarrar?»—«Por ali abaixo, homem.» Este monta no seu cavalo e desata a correr na direcção que a esposa lhe indicara. O homem ao ouvir o trote

do cavalo, desconfiou que vinham atrás d'ele para o prender, e atirou o embrulho para dentro de um muro, sentando-se em seguida na relva, na posição de quem estava muito cansado. O estalajadeiro ao passar, como o não conhecia, perguntou-lhe se tinha visto passar um homem com um embrulho, ao que o homem respondeu que o tinha visto e que êle tinha ido por uma ladeira muito íngreme que ficava perto dali.

Então, o estalajadeiro deixou-lhe ficar o cavalo a guardar visto o cavalo não poder subir a ladeira. Está claro que o burlão montou no cavalo, agarrou no embrulho e deu às de «Vila Diosa». O nosso homem ficou furioso quando não encontrou nem o homem nem o cavalo.

A mulher, quando êle chegou a casa, perguntou-lhe pelo cavalo e êle disse-lhe: olha mulher, o homem disse que o nosso filho andava a pé e os outros andavam a cavalo; tive pena do rapaz e disse ao correio para lhe levar o cavalo também.

ADIVINHAS

Formar com êstes pontinhos 12 nomes de aves masculinas, todas começadas por P.

- P...
- .A...
- P.....
- ..I.....
- ..M..
- P.....
- ...A
- P....
- ..U
-S.....
- ..S..
-E...

Por Aurélio Miguel de Carvalho 16 anos de idade.

CORRESPONDENCIA



A nossa ilustre e presada colaboradora senhora D. Graciete Branco pede aos netinhos da senhora D. Hortensia de Freitas Guimarães que lhe indiquem, para sua casa ou para êste jornal, a respectiva morada que foi perdida.

LUCILA DA SILVA ROSA.—O seu conto:—«A Torre do Silêncio» será publicado oportunamente.

TIO PAULO

Uma intriga na côrte (Continuado da pagina 1)

cortezãos duas fileiras de dentes duma perfeição inexcelsível, e duma alvura comparável, apenas, à das barbas de seu pai.

Espirituosa e dotada de um bellissimo coração, tinha no entanto, um defeito que trazia seu pai em perpétuo desgosto e a côrte em eterno desassocêgo: o prazer da intriga.

Efectivamente, não obstante todos os seus outros dotes, a princesa Florinda, sempre que se lhe oferecia ocasião, arranjava entre os diversos fidalgos que freqüentavam a côrte de seu pai um tão grande número de intrigas e complicados sarilhos, que muitas vèzes a solução se achava apenas nas pontas de duas espadas.

Ora, na época em que principiaram os acontecimentos de que vou ser fiel narrador, vivia ao norte da Elgária, um terrível bandoleiro, Baltazar, cujos crimes traziam o país constantemente indignado e apavorado.

Desesperando de o apanhar pela sua policia, pois sempre que esta o procurava se escondia tão bem que ninguém mais lhe punha a vista em cima, o rei «Barbas-de-Neve» mandou afixar um edital, em que prometia, áquele que conseguisse matar Baltazar, quer fôsse elgariano, quer fôsse estrangeiro, a satisfação de um qualquer dos seus desejos, por muito extraordinário que fôsse.

Entre os poucos que se sentiram com corágem para tentar a aventura, que tinha tanto de glória como de arriscada, sobressaía a figura altiva e atlética do príncipe Diógo, futuro herdeiro dum país vizinho, e que, de passeio, se encontrava havia dois menses, na côrte da Elgária.

Mais feliz do que todos os outros, conseguiu este príncipe descobrir o refúgio de Baltazar, numa gruta sobterrânea, e aí sustentou com êle um homérico combate, do qual, por glória sua, conseguiu sair vencedor.

Todo o país rejubilou, e o nome do príncipe, circulando de boca em boca, tornou-se como que um sinónimo de corágem e de abnegação.

De regresso à capital, mandou-o «Barbas-de-Neve» chamar ao seu palácio, e aí, no meio de toda a côrte, convidou-o a formular o desejo que mais gostaria de ver realizado, rea-

lização essa que «Barbas-de-Neve» se propunha efectuar, conforme no edital prometera.

Ora o príncipe amava loucamente a princesa Florinda, e como esta o tratasse sempre com uma certa frieza, resolveu-se a aproveitar esta ocasião, pois não voltaria decerto, a ter outra igual, e tremendo de anciedade, pediu a «Barbas-de-Neve» a mão de sua filha.

Durante um momento o bondoso rei hesitou: êle não tinha, como pai, o direito de dispôr da mão de sua filha sem primeiro saber se a pessoa a quem êle a fã ceder era ou não do seu agrado, mas, como rei, via-se obrigado a fazê-lo, pois como diz o velho provérbio: — «Palavra de rei não volta atrás.»

Uma luta desesperada entre o pai e o rei se travou no coração de «Barbas-de-Neve», da qual, por desgraça da princesa, saiu o rei vencedor, pois que, pouco depois, estendia a mão, como que a prestar juramento e exclamou com voz comovida: — «Príncipe Diógo, conforme prometi, realizar-se-há o vosso desejo. Se não vêdes inconveniente algum, efectuar-se-hão, dentro dum mês, os esponsais.»

E descendo vagarosamente os degraus do trôno, saiu da vasta sala, simulando não ouvir o brado angustioso soltado pela princesa ao ouvir a resposta de seu pai, e afastando-se impassível, dum dos seus mais perfectos gentis-homens, o duque Carlos de Morin, que, pálido como um morto, se dirigia para êle, cambaleando.

Porque desmaiara a princesa?

Porque, terrivelmente pálido, cambaleava o duque de Morin?

È que havia já muito tempo que os dois jóvens se haviam cedido mutuamente os corações, que os seus olhos, mais do que as suas palavras, haviam feito um ao outro uma promessa de eterna fidelidade.

Não nos admiremos pois de que, ao voltar a si, a infeliz princesa chorasse, durante muito tempo a sua triste sorte.

Mas, de súbito, tomou uma resolução: procurou o rei, seu pai, e ao vê-lo, declarou-lhe terminantemente que aquele casamento se não realizaria.





— Não o amo, senhor! E, a não ser que queirais destruir a felicidade de vossa filha, não podeis de forma alguma permitir que este enlace se realize.

Mas o velho rei, sempre tão bondoso para com todos, e especialmente para com sua filha, foi, desta vez, inexorável.

Apenas um recurso restava à aflita princesa: procurar o príncipe Diogo, dizer-lhe que amava outro e que não podia, portanto, de forma alguma, fazê-lo feliz.

O príncipe era um fidalgo na mais nobre acepção do termo. Compreendeu que não tinha o direito de fazer três pessoas infelizes quando bastava apenas que ele o fôsse.

Cavalheirescamente, cedeu ao rei a palavra que este havia dado, ocultou a sua dor o melhor que lhe foi possível, e levou o seu sacrifício até pedir ao soberano que desse o seu consentimento para o enlace da princesa Florinda com o duque de Marin.

Apenas um mês faltava para a realização do casamento. A felicidade reinava em todos os corações. O próprio Diogo, não obstante a violência do seu amor, sentia-se feliz ao pensar na bela acção que praticara.

Foi por esta ocasião, em que todos se consideravam tão felizes, que Florinda, cedendo ao seu inesistível defeito, o prazer da intriga, conseguiu arranjar para todos novos dissabores.

Contemos os casos.

Era num dia de festa para todo o país.

O palácio real, sumptuosamente engalanado, estava um prodígio de riqueza e bom gosto. Pelas vastas salas do palácio, os cortejões, rindo e conversando, aguardavam a chegada do monarca para dar início ao baile. Saltitando de grupo para grupo, fazendo de quando em quando alguma pergunta, de que não esperava nunca a resposta, dizendo aqui um gracejo e ouvindo acolá outro, andava a princesa Florinda, a quem o brilho das luzes e a sua «toilette», cheia de simplicidade e graça, faziam realçar mais a estonteante formosura.

Cansada por fim de tanto saltitar, a princesinha sentou-se numa vasta poltrona, procurando com a vista o noivo, que logo se aproximou, revendo-se, cheio de felicidade, no brilho dos olhos negros da princesa.

O duque Carlos de Morin era um dos mais ricos e um dos mais perfeitos gentis-homens da corte. A sua casa era ainda aparentada com a da família real, e se, como tudo o

indicava, «Barbas-de-Neve» morresse sem deixar um filho, ele era o mais provável herdeiro da coroa. Moreno como sua noiva, era ágil e elegante. A sua espada fazia o terrôr de toda a corte, pois sabia servir-se dela como ninguém. Era indubitável que ele e a princesa faziam um par cheio de graça e de elegância.

Naquele momento curvava-se ele sobre a poltrona da princesa, murmurando-lhe ao ouvido:

— ¿ Sabeis vós, senhora, que dentre todas estas formosíssimas damas não há uma única que ouse, por pensamentos sequer, medir-se convôco? Sois verdadeiramente a rainha da festa.

Falemos de outra coisa, duque. Dizei-me antes se é sincero o amor que jurais ter-me.

— Que ouço? Pois duvidais? Oh! princesa, juro-vos, sem vós, sem o vosso amor, a vida ser-me-ia pesada.

— Para vos acreditar seria preciso uma prova.

— Uma prova! Quer dizer, duvidais! Seja! Dizei que prova desejais e por Deus vos juro que a tereis.

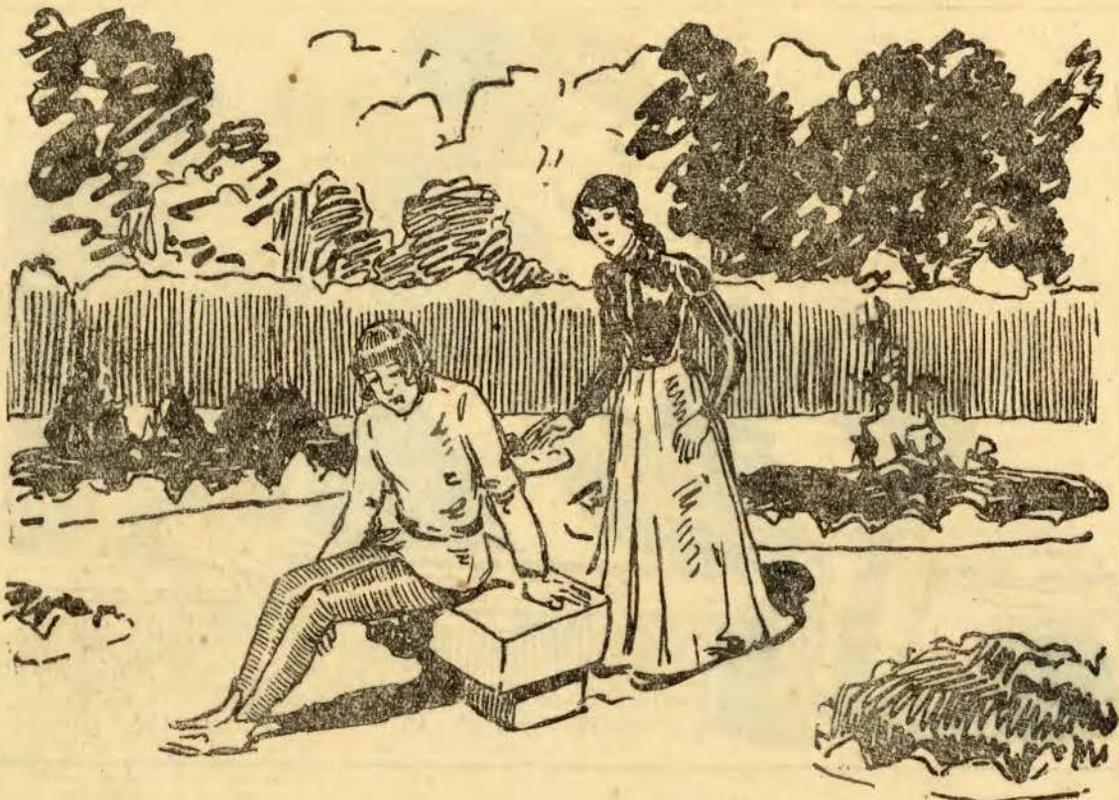
— Para fazer êsse juramento é preciso estar-se disposto a tudo, até a perder a vida. Está-lo-heis vós?

— Dizei que prova desejais, para que as minhas obras, melhor do que as minhas palavras, vo-lo demonstrem.

— Então ouvi. Para conquistar o meu coração o príncipe Diogo procurou nas mais misteriosas grutas dos Montes-Branços o rasto de Baltazar, a fim de matá-lo e pedir-me depois em casamento, enquanto que vós não vos atreveste a sair do vosso confortável palácio. Conclino eu, daí, que o vosso amor não é tão sincero como dizeis, e visto que estamos a brincar às confidências, haveis de dizer-me se serieis capaz de fazer o mesmo que o príncipe Diogo, se eu vo-lo pedisse.

Carlos de Morin não pôde conter um gesto de impaciência. Aquela conversa enervava-o, e foi um tanto desabridamente que respondeu.

— ¿ E' essa, apenas, a prova que desejais? Em verdade, senhora, que com pouco vos satisfazeis. Não ignorais, decerto, que quando o rei, vosso pai, pôs a preço a cabeça de Baltazar, me retinham no leito as febres que apanhei na minha viagem ao sul da Elgária. Se assim não fôsse, eu seria, juro-vô-lo, um dos expedicionários. Mas atendei: fá-lo-ia apenas com o pensamento de libertar a minha pátria de tão terrível bandoleiro, e nunca pela idéa de, por êste acto, vir a conquistar o vosso coração, pois que para isso seria, eu o pensava, necessário alguma heroicidade, e não uma miserável espadeirada num ainda mais miserável salteador.



A conversa chegava, enfim, ao ponto que Florinda tanto ambicionava: saber o que pensava o seu noivo de fama como Diogo havia procurado conquistar o seu coração. Sorriu maliciosamente e exclamou:

— Que ouço? ; Pois quando todo o país enche de bênção e louvores a valentia do príncipe, quando toda a côrte admira e comenta com entusiasmo a sua heroicidade, vós vindes dizer-me que semelhante vitória é miserável e mesquinha!

— Senhora, disse-vos apenas e repito novamente: é possível que seja uma façanha de valôr o triunfar daquele bandido; no entanto, pobre daquele que, para conquistar o vosso coração, não fôsse capaz de praticar outra muito maior.

— Bem duque. As vossas palavras tranquilizam-me, e, de hoje para o futuro, não duvidarei jamais da valentia daquele que a Deus aprove destinar-me para espôso.

E levantando-se, com o mesmo sorriso de malícia a brincar-lhe nos lábios, a princesa, inclinando, num gesto cheio de graça, a sua mimosa cabeça, cumprimentou o duque e afastou-se.

Mesmo após a sua renúncia ao pedido que fizera, o príncipe Diogo continuou a viver na Elgária, porque assim lho pedira «Barbas-de-Neve».

Todos no país o estimavam, desde o soberano até ao mais humilde «limpa-chaminés». A própria princesa, que por lhe não ter amor, o não quisera desposar, sentia que também o estimava.

Muitas vêzes, nos jardins do palácio, o encontrava sozinho, meditando e triste. Gostava então de conversar com ele, e passava nisso horas esquecidas.

Assim pois, a confiança, a intimidade entre Florinda e Diogo não deve, de forma alguma, espantar-nos.

Lôgo que pôs termo ao seu colóquio com o duque de Morin, teve a princezinha a desgraçada idéa de contar tudo ao príncipe, curiosa de vêr o que faria êle.

Procurou-o, e foi encontrá-lo só, com a cabeça inclinada sobre o peito, meditando, sem dúvida, no seu eterno desgosto.

— Príncipe, disse-lhe ela, colocando-lhe familiarmente uma mão no ombro, em que pensais?

Senhora, respondeu êle, estremecendo, ao vêr quem o vinha tirar da sua tristesa, pensava no rei, meu pai e senhor, de quem já tenho saudades, e que irei vêr brevemente.

— Qué! Pois tencionais deixar-nos? Não, tal não consentirei. Tão depressa, pelo menos, não o haveis de fazer. Não ignorais, decerto, que em toda a Elgária, não há uma única pessoa, entre homens e mulheres, velhos e crianças, que vos não estime.

Um sorriso de amargura deslisou, rápido, nos lábios do príncipe.

— Oh! Os outros! ; Que me importa a sua amizade se só me não estima aquela cuja amizade eu mais desejaria?

— Sei de quem falais, e juro-vos que estais enganado. «Estimo-vos também, embora o meu amor seja pertença de outro. A propósito, sabei que também eu tenho um desgosto?

— Vós, princesa?

— Sim, eu. Onvi, e certa estou de que haveis de dar-me razão. Não ignorais, decerto, que um dos mais fortes motivos por que neste país sóis estimádo, consiste em nos terdes livrado de Baltazar, sobre quem obtivestes uma famosa vitória. Pois bem, quando todos são unânimes em elogiar a vossa valentia, uma pessoa há que vos desdenha, para quem o vosso feito não tem valôr algum, e que vos trôça constantemente.

Oh linda princezinha! ; Quem diria que tão bonitos lábios seriam capazes de uma intriga, de serem causa, enfim, de uma discórdia? ; Porque não havia a filha de «Barbas-de-Neve» de calar o que seu noivo, numa ocasião de enervamento lhe disséra? ; Porque, pelo contrário, o ia contar àquele de quem mais o devia ocultar? ; Porque motivo, não contente ainda, mentia, exagerava o que disséra o duque? Ah! meninos e meninas que me estais lendo! A intriga é uma feia coisa, e todo aquele que é intriguista, tem um grande defeito, que deve combater por todas as formas ao seu dispôr. Lêde esta história, leitorzinhos do Pim-Pam-Pum, atentai bem nas desgraças que uma intriga pôde causar, e veremos se algum de vós, depois de o fazer, deixará de sentir pela intriga, uma enorme repugnância,

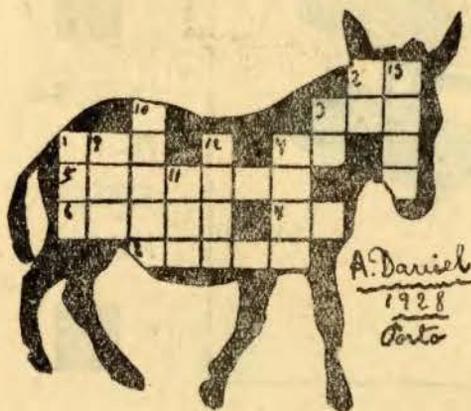
Ao ouvir o que lhe dizia Florinda, o príncipe Diogo não sentiu, nem cólera nem amargura. Para quê? Ele sabia bem que todas as acções generosas costumam ter detractores. Por isso a princezinha, que o olhava investigadoramente, apenas conseguiu ler-lhe no rôsto a indiferença. Isto ener-

HORA DO RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

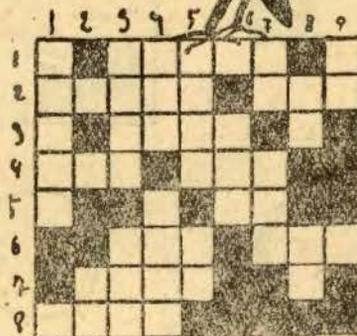
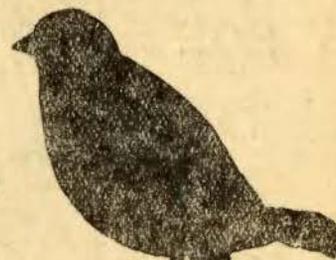
JARDIM ZOOLOGICO

BURRO



HORISONTALMENTE.
—1, Substantivo. 2, nota musical. 3, Massa de farinha cozida no forno. 4, Todos os moinhos teem. 5, Adjectivo. 6, Marisco vulgar. 7, Batraquio anfibio. 8, ponto cardeal da rosa dos ventos.

VERTICALMENTE.
—1, Substantivo. 8, nota musical no plural. 10, Uvas reduzidas a liquido depois de pisadas. 11, substantivo. 12, Não estão vestidas. 4, Forma do verbo «morar». 3, Rio da Italia. 2, Adjectivo. 13, Substancia da qual se faz tintura.

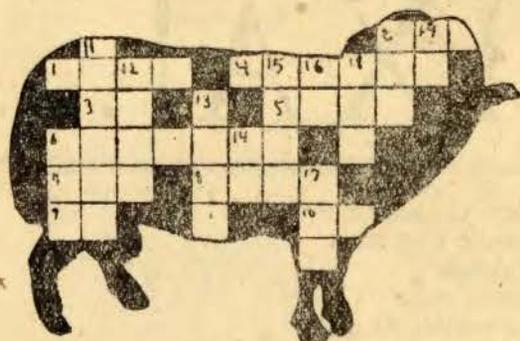


PALDAL

VERTICALMENTE.—1, Pano velho, consoante. 2, Vogal, vogal, adjectivo. 3, Ponto alto ou cume, grande porção de agua. 4, Animal volátil, nome de planta. 5, Fruto do coqueiro, não é boa. 6, vogal, pertence aos peixes. 7, Batraquio, conjucção. 8, Substantivo, todos os moinhos teem. 9, Rio italiano, vogal.

HORISONTALMENTE.—1, Consoante, verbo, consoante. 2, Peixe vermelho, espaço de tempo. 3, Vogal, substantivo, vogal. 4, Voz da galinha, producto das galinhas. 5, Vogal, vogal, indispensavel à vida. 6, Variação do pronome «eu», que tem criados. 7, Serve para estudar geografia, vogal. 8, Pouco comum.

CARNEIRO



HORISONTALMENTE.
—1, Substantivo. 2, Cobre a maior parte da superficie terrestre. 3, Nota musical. 4, Alegria. 5, Rio que serve de limite à Europa. 6, Dor de ouvidos. 7, Duas coisas da mesma espécie. 8, Animal feroz. 9, Indispensavel à vida. 10, Pelo do animal deste desenho.

VERTICALMENTE.—11, Todo o gado faz. 6, Substantivo. 12, Coisa que todos os gatos fazem. 13, Liquido muito conhecido. 14, Verbo. 15, Caminhos. 16, Indispensavel à vida. 17, Velho em inglês. 18, Substancia indispensavel em culinária. 2, Suco fabricado pelas abelhas. 19, Indispensavel à vida.

Problemas de AUGUSTO DANIEL GOMES DE SA

A SOLUÇÃO DESTES PROBLEMAS SAIRÃO NO PROXIMO NUMERO

vou-a, e resolveu-a a levar a intriga mais longe ainda até conseguir o que desejava.

—Oh! exclamou ela. Vós pareceis haver ficado indifferente com o que vos hei dito. Certa estou, no entanto, de que já assim não sucederá quando souberdes quem foi que fez semelhante afirmativa, e quando eu vos contar outras coisas que a mesma pessoa disse de vós.

Estas palavras tiveram apenas o condão, de despertar um pouco a curiosidade do príncipe. Florinda assim o percebeu, e sem dar tempo a que elle lhe fizesse pergunta alguma, exclamou:

— Quem estas coisas tem dito é... o duque de Morin.

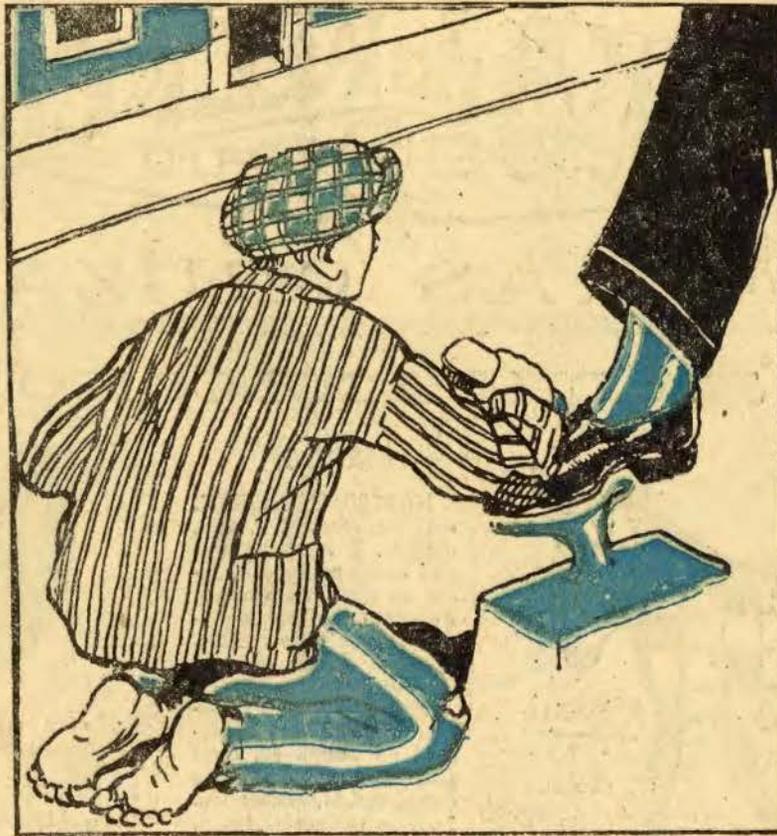
«E quereis saber que mais elle diz? Pois bem, ouvi: — Bem infeliz se pôde considerar aquele que, para conseguir ser amado por uma princesa não consegue descobrir uma fórmula mais fidalga do que o espetar uma espada num miseravel vilão».

Desta vez o êxito foi completo: tamanha foi a cólera que o príncipe sentiu, que as mãos tremiam-lhe, e os lábios fizeram-se-lhe brancos como a neve.

— ¿E' verdade, senhora, que o duque Carlos de Morin disse semelhante coisa?

Continúa no proximo numero

TIPOS
LIS
BOE
TAS



POR
AUGUSTO
DE
SANTA
RITA

DESENHO
DE
EDUARDO
MALTA

Ó GRAIXA!...

GRAIXA!... ó Graixa!...
Voz que se eleva, se agacha
e sobe em pregão no ar:
— «Graixa!... ó Graixa!...
O' freguês quiere engraxar?!...»

De tão pequena estatura,
fica à altura
dos joelhos do freguês;
quanta vez
inda mais baixo!
Vida humílima rés-vés
dos pés
da vil criatura
que a toma por um capacho,
com seu ar
de quem rebaixa,
toda a impár
de impostura!

«Graixa!... ó Graixa!... ó Graixa, ó Graixa!...»
Ei-lo apregoando,
e fumando,
já por vício,

nos breves momentos de ócio!
A tiracolo uma faixa
sustentando
a estreita caixa
dos utensílios do ofício,
que são todo o seu negócio!
Graixa!... ó Graixa!... ó Graixa, ó Graixa!...

Mora numa água-furtada
onde, através da sacada
do pequenino postigo,
uma estreitinha janela,
à noite, contempla os astros
e onde, às vezes, muito embora
cansado de trabalhar,
durante momentos vela,
pensando, a sós, lá consigo,
com vontade de chorar:
— «O meu corpo anda de rastros,
póbrezinho como Job,
mas, agora,
a minha
alminha
sobe, sobe, sobe, sobe!»

F I M